

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO RECENTE DAS EXPORTAÇÕES
PARANAENSES**

**CURITIBA
2009**

KAREN GISELE FRANCIOSI GELINSKI

**UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO RECENTE DAS EXPORTAÇÕES
PARANAENSES**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Economia, Setor Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Luiz Curado.

**CURITIBA
2009**

TERMO DE APROVAÇÃO

KAREN GISELE FRANCIOSI GELINSKI

UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO RECENTE DAS EXPORTAÇÕES PARANAENSES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Econômico, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Economia, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Marcelo Luiz Curado
Departamento de Economia, UFPR

Prof. Dr. Álvaro de Oliveira Borges Filho
Departamento de Administração, UNICENTRO

Prof. Dr. Mauricio Aguiar Serra
Departamento de Economia, UFPR

CURITIBA
JUNHO/2009

À minha mãe Zilá Franciosi (*in memoriam*), mulher guerreira que me mostrou os primeiros passos para a realização deste sonho e que, com certeza, se aqui estivesse estaria vibrando junto comigo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pois sem Ele eu não seria nada, não conseguiria nada, não teria forças para finalizar este trabalho.

Ao Professor Orientador Dr. Marcelo Luiz Curado, pela sua dedicação e paciência para me orientar.

A todos os professores do Mestrado em Desenvolvimento Econômico, pelos seus ensinamentos que muito contribuíram para nossa formação.

Ao Prof. Dr. Maurício Serra e à Prof^a Dr^a. Janete L. Lopes (FECILCAM), que não mediram esforços em nos auxiliar sempre que preciso.

Às minhas queridas e compreensivas filhas Maria Luiza e Maria Julia, que, por dois anos sentiram a ausência de mãe e, muitas vezes, com lágrimas nos olhos me apoiaram em minha jornada.

Aos colegas do Mestrado, em especial ao colega Mario Filizzola Costa, pela ajuda constante nos trabalhos desenvolvidos.

A minha grande amiga Valéria Wisniewski Padilha, que mostrou o que é a verdadeira amizade, sendo companheira em todos os momentos e, mais que isso, sendo leal.

Ao meu pai Carlos e à minha irmã Patrícia, que muito me auxiliaram no cuidado com minhas filhas em minha ausência.

A uma grande pessoa, André Tanaka, que acreditou e investiu em mim em um dos piores momentos de minha vida.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	06
LISTA DE QUADRO	07
LISTA DE GRÁFICOS	08
LISTA DE FIGURAS	09
RESUMO	10
ABSTRACT	11
1 INTRODUÇÃO	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 COMÉRCIO INTERNACIONAL E CRESCIMENTO ECONÔMICO.....	14
2.2 DETERMINANTES DO COMÉRCIO INTERNACIONAL: ABORDAGEM MACROECONÔMICA.....	18
2.3 CRESCIMENTO COM EQUILÍBRIO DO BALANÇO DE PAGAMENTOS.....	22
3 EVOLUÇÃO RECENTE DAS EXPORTAÇÕES: UMA ANÁLISE DO BRASIL E DO PARANÁ	26
3.1 INTRODUÇÃO.....	26
3.2 EVOLUÇÃO RECENTE DAS EXPORTAÇÕES PARANAENSES E DO BRASIL.....	27
4 UMA ANÁLISE DA PAUTA DE EXPORTAÇÕES	43
4.1 INTRODUÇÃO.....	43
4.2 ANÁLISE DA PAUTA DE EXPORTAÇÕES DO PARANÁ.....	43
4.3 EXPORTAÇÕES PARANAENSES POR EMPRESAS.....	47
5 CONCLUSÕES	51
REFERÊNCIAS	52

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES ENTRE 1991-1994: BRASIL E PARANÁ.....	27
TABELA 2 – TAXA DE CRESCIMENTO DO PIB MUNDIAL – 1990-1994.....	29
TABELA 3 – TAXA DE CRESCIMENTO DO PIB MUNDIAL – 1994-1998.....	31
TABELA 4 – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES ENTRE 1995-1998: BRASIL E PARANÁ.....	32
TABELA 5 – TAXA DE CRESCIMENTO DO PIB MUNDIAL – 1999-2003.....	35
TABELA 6 – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES ENTRE 1999-2003: BRASIL E PARANÁ:.....	36
TABELA 7 – TAXA DE CRESCIMENTO DO PIB MUNDIAL – 2004-2008.....	38
TABELA 8 – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES ENTRE 2004-2008: BRASIL E PARANÁ.....	41
TABELA 9 – COMPOSIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES PARANAENSES – 1991-1997.....	45
TABELA 10 – COMPOSIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES PARANAENSES – 1998-2007.....	46
TABELA 11 – PARTICIPAÇÃO DAS QUARENTA MAIORES EMPRESAS EXPORTADORAS PARANAENSES – JANEIRO A MARÇO DE 2009.....	49

LISTA DE QUADRO

QUADRO 1 – TAXA DECÂMBIO E SEUS EFEITOS SOBRE A RENDA.....	20
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – TAXA DE CÂMBIO REAL EFETIVA – 1990-1994.....	28
GRÁFICO 2 – TAXA DE CÂMBIO REAL EFETIVA – 1992-1998.....	31
GRÁFICO 3 – EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DAS <i>COMODITIES</i>	33
GRÁFICO 4 – TAXA DE CÂMBIO REAL – 1998-2003.....	34
GRÁFICO 5 – PREÇO DAS <i>COMODITIES</i>	38
GRÁFICO 6 – TAXA DE CÂMBIO REAL – 2004-2008.....	40
GRÁFICO 7 –PREÇO DAS <i>COMODITIES</i> – 2004-2008.....	42

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – EFEITOS DE UMA DESVALORIZAÇÃO DA MOEDA SOBRE A RENDA NO MODELO IS-LM.....	20
FIGURA 2 – EFEITOS DE UMA AMPLIAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES NO MODELO AO-DA.....	21

RESUMO

O objetivo central deste trabalho é promover uma análise sobre a evolução das exportações paranaenses referente ao período posterior ao processo de estabilização da economia brasileira, ou seja, a partir do ano de 1994. Utiliza-se como referencial teórico para essa análise a concepção básica de macroeconomia, que destaca o papel da taxa de câmbio real e do comportamento da renda externa na determinação da evolução das exportações. Outro elemento analisado é o comportamento da pauta exportadora paranaense e sua evolução qualitativa no período estudado. Nesse aspecto, destaca-se a diversificação relativa da pauta de exportações paranaenses como um fenômeno importante da dinâmica recente do comércio exterior do Estado.

Palavras-chave: Economia Internacional; Paraná; Exportações; Taxa de Câmbio Real.

ABSTRACT

The main objective of this paper is to promote an analysis of the Parana State exportation evolution during a period of time right after the Brazilian economy stabilization, in fact, from 1994 until today. To determine the qualitative exportation evolution on this period, a basic concept of macroeconomics was used as a theoretical reference for this analysis, which highlights the currency exchange effects and the external income performance. The other element that has been analyzed was the behavior of the Parana State exportation goods and its quantitative evolution on the referred period. On the present insight, export diversification seems to be an important phenomenon on the dynamics of the Parana State international business.

Key-words: International Economy; Parana State; Exportation; Exchange Rates.

1 INTRODUÇÃO

O comércio entre os países é uma das mais antigas atividades humanas. Seu impacto sobre o desenvolvimento econômico das nações é algo profundamente discutido pela literatura desde os primórdios do desenvolvimento da teoria econômica e os primeiros estudos dos chamados mercantilistas. Adam Smith, considerado por muitos como o “pai da ciência econômica”, enfatizou a relevância do comércio para o enriquecimento das nações. Da mesma forma, David Ricardo, outro economista clássico, sugeriu, em sua teoria das vantagens comparativas, que o comércio era a fonte primordial de desenvolvimento de um país.

A preocupação com o papel do comércio para o desenvolvimento dos países não é pertinente apenas nos chamados economistas clássicos. Mais recentemente, a literatura de inspiração keynesiana tem abordado o tema. Toda a discussão do crescimento com restrição de divisas e os recentes debates sobre o chamado modelo de “crescimento puxado por exportações” enfatiza o papel do desenvolvimento das atividades comerciais – com ênfase na capacidade de exportar de um país – enquanto um elemento chave para explicar o desenvolvimento das nações.

Mas o que determina o ritmo de expansão ou contração das atividades comerciais de um país ou de uma região num determinado momento do tempo? Por que, às vezes, assiste-se a expansões das exportações de um país? Será que os padrões de evolução das exportações de um país e de uma região ou estado são similares? Essas são algumas indagações que permeiam a discussão desta dissertação.

O objetivo central desta dissertação é analisar a evolução das exportações paranaenses entre 1990 e 2008, comparando-a com a evolução da variável para o Brasil. Além dessa análise mais geral, pretende-se discutir, também, aspectos qualitativos que dizem respeito à evolução da pauta exportadora do Paraná e sua influência para o desenvolvimento econômico do Estado do Paraná.

Para promover a discussão mais geral sobre a evolução das exportações no Paraná escolheu-se o referencial teórico da macroeconomia, que enfatiza o papel desempenhado pela taxa de câmbio real e pelo comportamento da economia mundial, enquanto determinantes da evolução das exportações. A discussão sobre a

evolução da pauta de exportações, tema mais qualitativo, utiliza como pano de fundo a preocupação da literatura de crescimento com restrição de divisas e sua ênfase na relevância da elasticidade-renda, enquanto determinante do crescimento econômico de um país.

Para responder às questões destacadas, a dissertação apresenta a seguinte estrutura. Após essa breve introdução, no Capítulo 2, apresenta-se o referencial teórico escolhido para análise. O Capítulo 3 discute a evolução das exportações paranaenses, comparando com os resultados obtidos pelo Brasil. O Capítulo 4 discute a evolução da pauta de exportações paranaenses ao longo do período estudado. Finalmente, as conclusões gerais do trabalho são apresentadas no Capítulo 5. As referências bibliográficas são apresentadas na seqüência.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo tem como objetivo apresentar as discussões teóricas relativas ao tema abordado nesta dissertação. O tema central é apresentar a abordagem teórica macroeconômica sobre a determinação do saldo comercial. Antes, no entanto, o capítulo apresenta uma discussão preliminar sobre o comércio internacional e sua importância.

2.1 COMÉRCIO INTERNACIONAL E CRESCIMENTO ECONÔMICO

Na antiguidade, na maioria das vezes, a produção era destinada para a própria subsistência dos produtores e sua família. Por outro lado, algumas famílias produziam um excedente e o comercializavam, porém as transações comerciais eram inexpressivas. Apesar de bastante rudimentar e baseado na permuta, ou seja, na troca de um produto por outro, o comércio já existia.

O comércio internacional está presente no cotidiano das nações desde a antiguidade. As antigas civilizações, como os egípcios, mesopotâmicos, fenícios, gregos e romanos já realizavam comércio externo. E, de acordo com a evolução das civilizações, o comércio se intensifica e com a globalização dificilmente um país, por menor que seja, sendo desenvolvido ou em desenvolvimento, consiga sobreviver sem comercializar seus produtos internacionalmente, assim sendo, um país é o complemento do outro.

Uma das civilizações mais antigas que se tem registro é a civilização egípcia, onde as importações e exportações eram limitadas, por isso o comércio internacional era considerado inexpressivo. Posteriormente, a civilização mesopotâmica, fenícia, os gregos e romanos também realizaram comércio externo.

Apesar disso, é o Mercantilismo, corrente de pensamento econômico desenvolvida entre os séculos XV e XVIII e baseada na idéia metalista, que, de acordo com Hugon (1980, p. 65) “essa idéia foi deduzida da seguinte observação: a prosperidade dos países parece estar na razão direta da quantidade de metais

preciosos que possuem”, é considerado o berço do comércio internacional, pois a economia deixa de ser regional e passa a ser nacional. Porém, segundo Hugon (1980, p. 83), “um país não ganha sem que outro perca”, em outras palavras, o comércio não proporcionava vantagens aos dois países parceiros, mas somente a um deles.

Por isso, surge o liberalismo, também chamado de Escola Clássica, que, segundo Gastaldi (2002, p. 54) “era a doutrina do *laissez-faire, laissez-passer*, isto é, as leis econômicas existem, produzem seus efeitos e passam”. De acordo com essa doutrina, o Estado não deveria intervir em nenhuma lei do mercado. Adam Smith, um dos liberais que mais se destacaram, atribuiu apenas três funções ao Estado: defesa nacional, preservação da justiça e promoção de empreendimentos que não houvesse interesse da iniciativa privada. Portanto, os liberais acreditavam que a economia era regida pela lei de mercado, a lei da oferta e da procura (MAIA, 2001, p. 79).

Os liberais defendiam que a prosperidade econômica e social resulta da iniciativa individual. Adam Smith também defendeu esse individualismo, ele acreditava que o indivíduo, ao buscar seu próprio bem-estar, contribuiria, indiretamente, para o bem-estar coletivo e/ou social.

É nesse contexto que surgem as primeiras teorias, que têm por objetivo demonstrar os ganhos recíprocos proporcionados pelo comércio entre as nações: a Teoria das Vantagens Absolutas e das Vantagens Comparativas.

Na obra *Riqueza das Nações*, 1776, Adam Smith diz que cada país é capaz de produzir determinado produto, por uma diversidade de fatores, a custos mais baixos que outros países. Portanto, esse país deve exportar esse produto e importar os outros, pois isso proporcionará aos países vantagens recíprocas, ou seja, o país importador comprará produtos mais baratos e o país exportador pagará com produtos que lhe custam menos para produzir.

Em 1817, David Ricardo aperfeiçoou a teoria de Adam Smith, formulando a Teoria das Vantagens Comparativas ou Relativas, através da qual demonstra as vantagens do comércio internacional mesmo nos casos em que o país não tenha vantagem absoluta em nenhum dos produtos.

A idéia básica de Ricardo era que o comércio internacional será vantajoso, até mesmo nos casos em que um país possa produzir internamente a custos mais

baixos do que o país parceiro, desde que, em termos relativos, as produtividades de cada país fossem relativamente diferentes. Isso porque se os coeficientes técnicos forem iguais com ou sem comércio a produção total não se altera e, por isso, não haverá vantagem em realizar comércio entre os países (CARVALHO E SILVA, 2002, p. 9).

A teoria de Heckcher-Ohlin foi publicada em 1933 e considera que para produzir um determinado produto é necessária a combinação de dois fatores de produção: trabalho e capital. Assim, tal teoria, segundo Carvalho e Silva (2002, p. 25) “afirma que cada país se especializa e exporta o bem que requer utilização mais intensiva de seu fator de produção abundante”. Por exemplo, considerando dois países, Brasil e Argentina, ambos produzem camisetas e farinha de milho, sendo que o primeiro requer uma maior utilização do fator de produção capital e o segundo maior utilização do fator trabalho. Sendo assim, o Brasil possui o fator capital em abundância e o trabalho é escasso. No caso da Argentina, o trabalho é abundante e o capital escasso. Por esse motivo e levando-se em consideração a teoria de Heckscher-Ohlin, o Brasil deve se especializar na produção de camisetas e exportá-las enquanto que a farinha de milho deverá ser importada. Com relação à Argentina, deve especializar-se na produção de farinha de milho e exportá-la, importando as camisetas. Desse modo, os dois países realizando comércio internacional, ambos terão benefícios.

Essa visão de que o comércio entre as nações é capaz de gerar benefícios para os países envolvidos nas transações comerciais foi questionada por uma série de autores. Merece destaque a contribuição cepalina, particularmente o trabalho de Prebisch (1949). Na visão do autor, o comércio entre centro e periferia ao invés de melhorar o desenvolvimento econômico dos países, contribuía para aprofundar as desigualdades.

O raciocínio do autor estava baseado na premissa de que os países centrais eram exportadores de produtos industriais caracterizados por alta elasticidade-renda e reduzida elasticidade-preço da demanda. Por outro lado, a periferia era exportadora de produtos agrícolas com baixa elasticidade-renda e elevada elasticidade preço da demanda.

O resultado dessa estrutura desigual das elasticidades, de acordo com Prebisch (1949), era a geração de permanentes déficits comerciais para os países

periféricos. Quando suas economias começavam a crescer, as importações cresciam numa velocidade maior que as suas exportações, acarretando na geração de déficits no comércio.

A periferia era então obrigada a reduzir o ritmo de expansão da renda ou se endividar com o centro para fazer frente ao desequilíbrio comércio. De uma forma ou de outra, o resultado final era, no médio e no longo prazo, a obstrução do crescimento e do processo de desenvolvimento dos países periféricos. A industrialização, baseada inicialmente na substituição de importações, era a saída, de acordo com Prebisch (1949) para a eliminação das barreiras externas ao processo de desenvolvimento dos países periféricos.

O comportamento das exportações é um elemento de grande importância na trajetória de crescimento econômico de um país, especialmente no contexto de ampliação das transações comerciais em nível internacional. Recentemente, o comportamento das exportações tem-se mostrado cada vez mais importante, sobretudo para os países emergentes. No Sudeste da Ásia, por exemplo, o motor do desenvolvimento econômico é a exportação, de acordo com vários autores como, por exemplo, Bresser Pereira (2007), Edwards (2006).

A idéia central dos chamados modelos de *exported led growth* é que o ritmo de expansão do comércio nas duas últimas décadas supera o ritmo de crescimento do produto mundial. Assim, as nações que conseguissem uma inserção internacional mais efetiva no comércio se beneficiariam de um crescimento mais acelerado em uma de suas componentes da demanda agregada, a variável exportação que, nesse sentido, seria uma espécie de motor do crescimento econômico.

Outro elemento importante do comércio internacional diz respeito ao seu papel nos programas de combate à inflação. Ao longo dos anos 90, diversos países emergentes utilizaram-se de políticas de valorização da moeda, como, por exemplo, o Brasil, entre 1995 e janeiro de 1999, com intuito de baratear o valor das importações, o que contribuiria para ampliar a oferta agregada da economia. Essa maior disponibilidade de bens e serviços se constituiria na chave para a manutenção da estabilidade de preços através do clássico mecanismo de concorrência. Os produtores locais que resolvessem ampliar seus preços sofreriam a concorrência dos produtos estrangeiros mais baratos e sairiam do mercado.

Em suma, a importância do comércio e, particularmente, das exportações é

amplamente discutida pela literatura econômica desde os tempos dos mercantilistas, encontrando-se ainda hoje na agenda dos economistas e cientistas sociais em geral. Na seqüência, discute-se a concepção da literatura de macroeconomia básica para a análise do comportamento específico das exportações.

2.2 DETERMINANTES DO COMÉRCIO INTERNACIONAL: ABORDAGEM MACROECONÔMICA

A literatura keynesiana para uma economia aberta destaca o papel das exportações, enquanto componente da demanda agregada, como um dos elementos mais relevantes para a trajetória de crescimento econômico de um país. Aqui, utilizar-se-á a literatura econômica padrão (keynesiana para uma economia aberta). Essa literatura é apresentada, entre outros por Dornbusch & Fischer (1991).

Desde já é preciso ter em mente que essa literatura não tem como objetivo analisar todos os aspectos determinantes das exportações. Seu intuito é apenas o de apresentar elementos que são básicos em qualquer análise sobre o comportamento da variável no plano agregado. É claro que o entendimento do comportamento das exportações de um país ou de uma região deve levar em consideração outros aspectos, particularidades deste país ou região que sejam relevantes na análise. Ainda assim, esta dissertação pretende focar sua análise nos elementos selecionados por essa literatura.

O modelo básico assume que as exportações são determinadas por dois fatores: (1) a renda externa (Y_f) e 2) a taxa de câmbio real (q). Basicamente, quanto maior a renda externa (Y_f), maior o poder de compra dos estrangeiros e, portanto, maior o nível de exportações. Assim, de acordo com a literatura, existe uma relação direta entre a renda externa e as exportações. A taxa de câmbio, particularmente o câmbio real (q), é uma variável que afeta a competitividade e, dessa forma, a inserção internacional do país. A definição de taxa de câmbio real (q) nada mais é do que a taxa de câmbio nominal ponderada pelo comportamento da inflação

externa e da inflação doméstica¹.

De acordo com Dornbusch & Fischer (1991), a taxa de câmbio real pode ser escrita como:

$$q = e \cdot (P_f/P_i)$$

Onde: e: taxa de câmbio nominal, P_f : preços externos e P_i : preços internos.

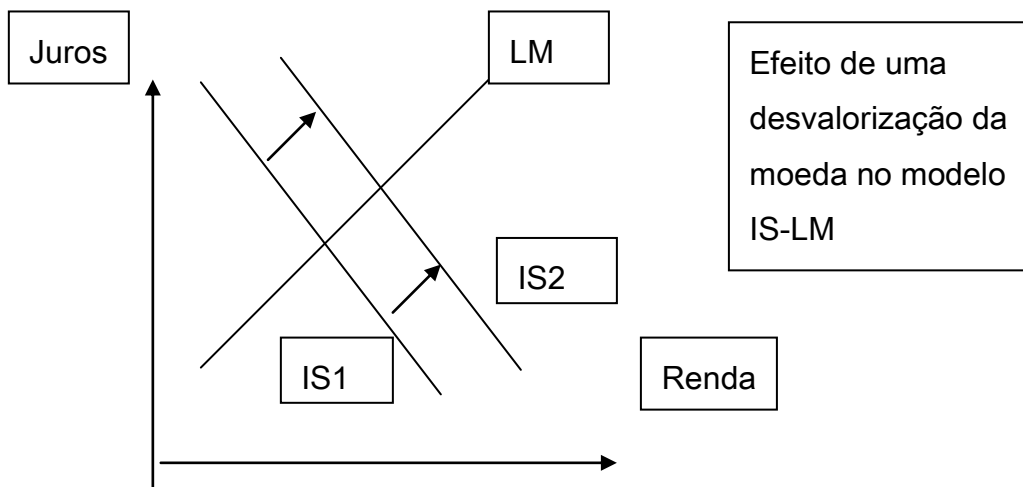
A explicação para o papel da taxa de câmbio é simples. Quando a moeda está valorizada em termos reais, as exportações ficam caras em dólares e as importações ficam baratas em moeda local. A competitividade externa diminui. Dessa forma, as taxas de câmbio nominal e real são fundamentais para explicar as exportações do país. Trata-se da velha competitividade via preço. Quanto mais desvalorizada a minha moeda, mais barato em moeda estrangeira o produto de meu país e, portanto, maiores as exportações.

O efeito de uma ampliação das exportações sobre a economia pode ser analisado, seguindo a literatura básica de macroeconomia, a partir de seus impactos no modelo IS-LM e no modelo de oferta e demanda. Quanto maiores as exportações, maior o nível da demanda agregada numa economia aberta. Segundo Dornbusch & Fischer (1991), isso tende a ampliar a renda, seguindo o modelo padrão de macroeconomia IS-LM com transações comerciais.

Graficamente, uma desvalorização da moeda tenderia a ampliar a competitividade, elevando as exportações e, portanto, a demanda agregada. Nesse modelo IS-LM, a elevação da demanda significa um deslocamento para a direita da curva IS, de IS_1 para IS_2 , conforme se pode observar:

¹ Quanto à definição de taxa de câmbio, segundo Ratti (2001, p. 139) “[...] a taxa cambial nada mais é do que o preço, em moeda nacional, de uma unidade de moeda estrangeira”. Inicialmente, era através do sistema do padrão-ouro e, atualmente, as mais utilizadas são as taxas de câmbio fixas e variáveis, em que na primeira as autoridades monetárias fixam o preço da moeda estrangeira em relação à nacional, e na segunda as autoridades monetárias não interferem, deixando que o próprio mercado cambial estabeleça o preço da moeda estrangeira.

FIGURA 1 – EFEITOS DE UMA DESVALORIZAÇÃO DA MOEDA SOBRE A RENDA NO MODELO IS-LM

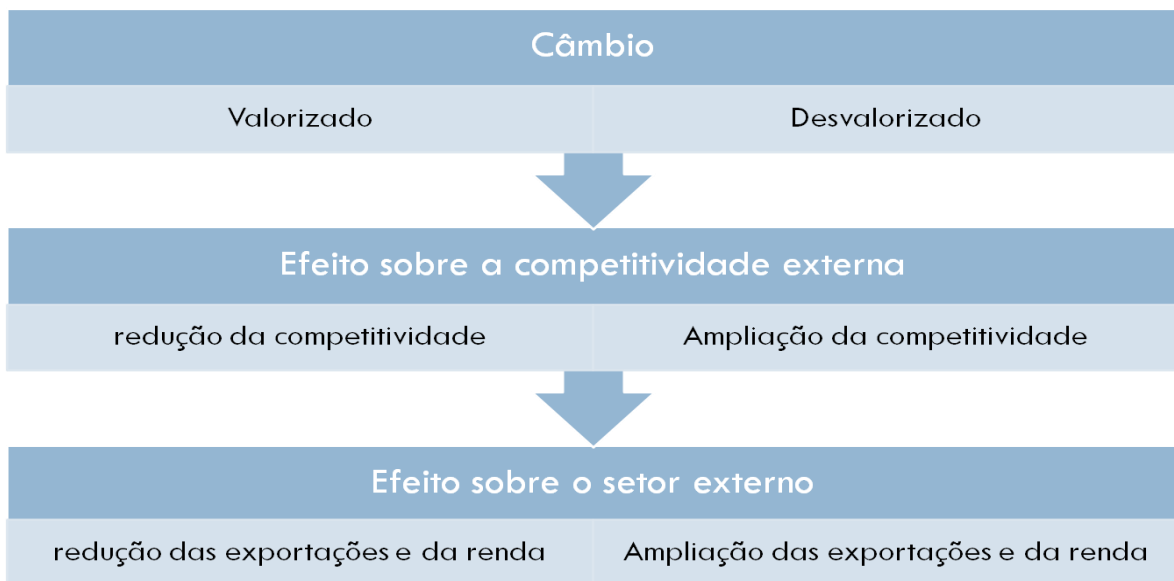


FONTE: DORNBUSCH & FISCHER, 1991.

A FIGURA 1 demonstra que a desvalorização, ao ampliar o nível de exportação, amplia a renda da economia, demonstrando, portanto, que as exportações devem ser levadas em consideração para o estudo do nível de renda da sociedade.

O QUADRO 1, a seguir, sintetiza os efeitos do câmbio sobre as exportações, de acordo com a visão de macroeconomia.

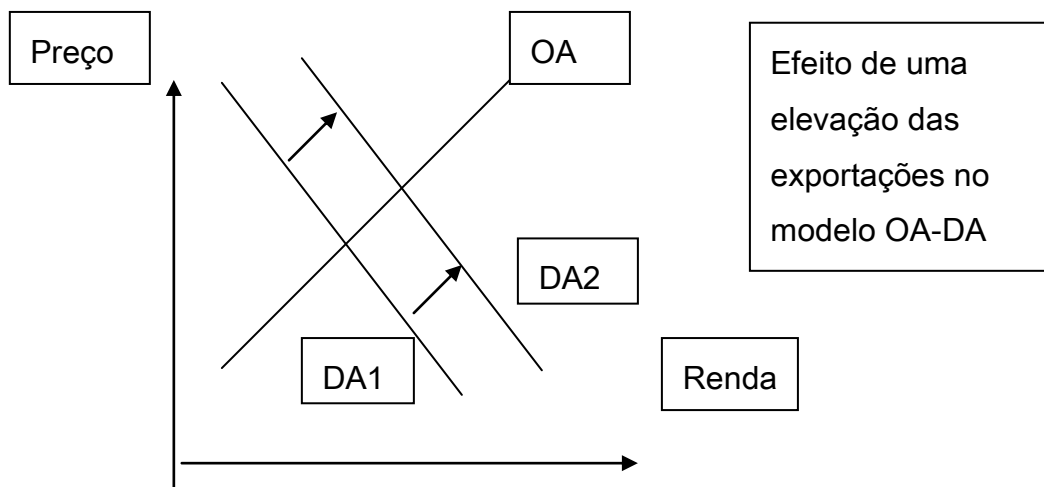
QUADRO 1 – TAXA DE CÂMBIO E SEUS EFEITOS SOBRE A RENDA



FONTE: DORNBUSCH e FISCHER (1991).

Vale a pena destacar o impacto de uma elevação nas exportações derivada de uma desvalorização da moeda e/ou de um aumento da renda externa, de acordo com o modelo de oferta e demanda. Seguindo DORNBUSCH & FISCHER (1991), a ampliação das exportações tem como impacto uma elevação da demanda agregada da economia. Isso promove o deslocamento da curva de demanda agregada, tal como exposto na FIGURA 2, a seguir.

FIGURA 2 – EFEITOS DE UMA AMPLIAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES NO MODELO OA-DA



FONTE: DORNBUSCH & FISCHER, 1991.

Finalmente, é importante salientar, ainda, um aspecto mais recentemente discutido pela literatura de macroeconomia sobre o tema do impacto das alterações da taxa de câmbio sobre as exportações, pois esse efeito leva tempo para se processar. A síntese dessa discussão encontra-se na literatura da chamada “curva em J”.

Basicamente, ao ocorrer uma desvalorização do padrão monetário local, os efeitos da variação sobre o preço em moeda estrangeira não se processariam imediatamente. Seria necessário que transcorresse algum período de tempo para que a alteração dos preços relativos, fruto da mudança no câmbio, refletisse-se numa alteração efetiva da pauta de exportações e importações do país. Num primeiro momento, por exemplo, a desvalorização da moeda não alteraria a pauta de importações. O resultado seria uma piora do saldo comercial neste momento, já que o país estaria importando a mesma quantidade a um preço relativo mais alto, dada a

perda de valor da moeda local. Apenas quando o quantum importado se alterasse é que o saldo comercial seria beneficiado da alteração no câmbio.

2.3 CRESCIMENTO COM EQUILÍBRIO DO BALANÇO DE PAGAMENTOS

Nesta seção, apresenta-se o modelo básico de crescimento com equilíbrio do Balanço de Pagamentos. O ponto de partida dessa literatura foi o trabalho original de Thirlwall (1979). Tal trabalho demonstra que o Balanço de Pagamentos é um componente crucial na restrição do crescimento de longo prazo para diversas economias, em particular para economias menos desenvolvidas.

A apresentação do modelo básico irá seguir a versão mais completa elaborada por Thirlwall & Hussain (1982). Parte-se, portanto, de uma situação inicial, na qual o equilíbrio do Balanço de Pagamentos pode ser representado por:

$$Pd X + F = Pf M E \quad (1)$$

Onde: X é o volume de exportações; Pd é o preço doméstico das exportações; M é o volume de importações; Pf é o preço das importações; E é a taxa de câmbio (medida como o preço doméstico da moeda estrangeira) e F é o valor nominal dos fluxos de capital medido em moeda corrente.

Em termos de taxa de variação, as variáveis da equação (1) podem ser expressas por:

$$\theta(p_d + x) + (1 - \theta)f = p_f + m + e \quad (2)$$

Tanto (1) quanto (2) representam condições de equilíbrio no Balanço de Pagamentos. A única diferença entre elas é que a primeira se refere ao equilíbrio em sua forma estática, enquanto a segunda se refere ao equilíbrio do Balanço de Pagamentos em sua forma “dinâmica”.

Thirlwall e Hussain (1982), seguindo a contribuição original de Thirlwall (1979), assumem funções padrão para a demanda por exportações e importações descritas por:

$$M = a \left(\frac{P_f E}{P_d} \right)^\psi Y^\pi \quad (3)$$

$$X = b \left(\frac{P_d}{P_f E} \right)^\eta Z^\varepsilon \quad (4)$$

Onde: a e b constantes; ψ a elasticidade-preço da demanda por importações ($\psi < 0$); η a elasticidade-preço da demanda por exportações ($\eta < 0$); Y a renda doméstica; Z o nível da renda do “mundo”; π a elasticidade-renda da demanda por importações ($\pi > 0$) e ε a elasticidade-renda da demanda por exportações ($\varepsilon > 0$).

A interpretação das equações (3) e (4) é direta. A primeira afirma que as importações são determinadas pelo comportamento da renda doméstica e pelo comportamento dos preços relativos. Da mesma forma, as exportações dependem do comportamento da renda do resto do mundo e pelos preços relativos. Em termos de taxa de variação das variáveis, obtém-se:

$$m = \psi(p_f + e + p_d) + \pi y \quad (5)$$

$$x = \eta(p_d - e - p_f) + \varepsilon z \quad (6)$$

Substituindo (5) e (6) em (2), obtém-se a taxa de crescimento consistente com o equilíbrio do Balanço de Pagamentos, descrita por (7):

$$y_b = (\theta\eta + \phi)(p_d - e - p_f) + (p_d - e - p_f) + \theta\varepsilon z + (1 - \theta)(f - p_d) \quad (7)$$

A equação (7) afirma que a taxa de crescimento com equilíbrio no Balanço de Pagamentos depende essencialmente: 1. Dos parâmetros de elasticidade-preço e

renda; 2. dos preços relativos; 3. da taxa de crescimento do resto do mundo e 4. do fluxo de capitais.

Com intuito de simplificar a análise, assumem-se duas hipóteses: 1) $pd = pf + e$, ou seja, os preços relativos mensurados numa moeda comum permanecem inalterados; e 2) parte-se de uma condição inicial de equilíbrio no saldo em transações correntes no qual o fluxo de capital é nulo.

A partir dessas simplificações, pode-se chegar a uma versão mais simplificada da equação que descreve a taxa de crescimento compatível com o equilíbrio do Balanço de Pagamentos descrita por (8):

$$y_b = \varepsilon z / \pi = x / \pi \quad (8)$$

A equação (8) afirma que a taxa de crescimento com equilíbrio do BP depende da elasticidade-renda da demanda por importações e exportações e da taxa de crescimento do resto do mundo. Essa equação é também conhecida como Lei de Thirlwall.

Uma questão parece evidente nesse ponto: Quais fatores determinam os parâmetros de elasticidade-renda de exportações e importações? Esses parâmetros refletem a composição da pauta de exportações e importações da economia.

Uma economia agro-exportadora como a brasileira da década de trinta, por exemplo, apresentava baixa elasticidade-renda de exportações e elevada elasticidade-renda das importações. Neste contexto, a possibilidade de crescimento da economia encontrava-se limitada por sua restrição externa, dada pela baixa elasticidade-renda de exportações e alta elasticidade-renda das importações.

Em suma, um corolário da Lei de Thirlwall é que o padrão de especialização de uma economia é um elemento essencial na definição da taxa de crescimento que é compatível com o equilíbrio no Balanço de Pagamentos.

Economias especializadas em produtos primários com baixa elasticidade-renda das exportações estão, de acordo com esta literatura, fadadas a obter uma taxa de crescimento de longo prazo reduzida. Mas em que essa discussão contribui para entender o tema das exportações paranaenses? Ora, se se verificar que a pauta de exportações do Paraná é concentrada em produtos de baixa elasticidade-

renda, então se tem, de acordo com essa literatura, uma redução em suas possibilidades de crescimento.

Na realidade, a chamada literatura de “crescimento com equilíbrio do Balanço de Pagamentos” reflete, em grande medida, as preocupações da “velha CEPAL” sobre o tema do desenvolvimento econômico em países periféricos. A tradição cepalina destaca a importância do processo de industrialização como forma de eliminar a “deterioração dos termos de troca” entre países centrais e países periféricos. Em outras palavras, a preocupação com a “qualidade” da pauta exportadora é um tema bastante relevante.

3 EVOLUÇÃO RECENTE DAS EXPORTAÇÕES: UMA ANÁLISE DO BRASIL E DO PARANÁ

3.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo é dedicado à análise da evolução recente das exportações do Paraná e sua comparação com a evolução para a economia brasileira. Para tanto, será utilizada a literatura de macroeconomia que, conforme discutido no capítulo 2, apresenta como determinantes das exportações a evolução da renda externa e da taxa de câmbio real.

Essa análise é realizada a partir de uma subdivisão de períodos, da seguinte forma: 1) Entre 1990-1994, período em que a economia brasileira enfrentava ainda graves problemas de inflação, mas que no cenário internacional foi caracterizada pela retomada das condições de liquidez internacional para os países emergentes da América Latina; 2) Entre 1995 e janeiro de 1999, período em que a economia brasileira consolidou o processo de estabilização de preços, a partir da implementação do Plano Real (julho de 1994) e utilizou a administração da taxa de câmbio num sistema de bandas cambiais. No plano internacional, essa fase foi marcada por fortes turbulências nos países emergentes e pela ocorrência de diversas crises cambiais, inclusive a brasileira de 1999, que acabou por eliminar a política de administração das taxas de câmbio; 3) Entre 1999-2003, período em que passou a vigorar o regime de câmbio flutuante no país e que, do ponto de vista da conjuntura internacional, foi marcado pela expansão da economia mundial; e 4) Entre 2004 e 2008, período em que o crescimento da economia brasileira retomada o crescimento, mas que é caracterizado fundamentalmente pela forte expansão da economia mundial, processo encerrado a partir da crise de setembro de 2008.

Vale a pena notar, do ponto de vista metodológico, que a periodização utilizada é composta por elementos de dinâmicas brasileira e mundial. Dessa forma, pretende-se verificar como as exportações do Paraná reagiram aos diversos contextos históricos específicos, tanto no plano doméstico, quanto no plano internacional.

3.2 EVOLUÇÃO RECENTE DAS EXPORTAÇÕES PARANAENSES E DO BRASIL

A TABELA 1, abaixo, apresenta a evolução das exportações do Brasil e do Paraná durante os anos de 1990 a 1994, ou seja, no período em que a economia brasileira ainda não havia conseguido domar o dragão da inflação. Pode-se verificar que, nesta fase, a economia brasileira, apesar dos problemas inflacionários, apresentou um comportamento bastante positivo do ponto de vista da evolução das exportações.

Em 1991, as exportações do país totalizavam pouco mais de US\$ 31,6 bilhões. Já em 1994, essas exportações alcançaram US\$ 45,3 bilhões, com forte crescimento nos anos de 1993 e 1994. Nesse mesmo período, as exportações paranaenses saltaram de pouco mais de US\$ 1,8 bilhão para US\$ 3,5 bilhões, ou seja, praticamente dobraram.

TABELA 1 – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES ENTRE 1991-1994: BRASIL E PARANÁ

	Exportações Brasil	Variação (%)	Exportações Paraná	Variação (%)	Paraná/Brasil (em %)
1991	31.620.459	0,66	1.807.229	-3,26	5,72
1992	35.792.986	13,2	2.110.039	16,76	5,90
1993	38.554.769	7,72	2.481.143	17,59	6,44
1994	43.545.167	12,94	3.506.749	41,34	8,05

FONTE: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO INDÚSTRIA E COMÉRCIO. SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR.

O resultado do maior crescimento das exportações paranaense em comparação com o Brasil reflete-se na elevação da participação das exportações do Estado no total do país. Em 1991, o Paraná respondia por, aproximadamente, 5,72% das exportações brasileiras. Esse total saltou para 8,05%, em 1994, resultado em grande medida derivado da forte expansão das exportações do Paraná no ano de 1994.

A literatura de macroeconomia destaca como determinantes das exportações o comportamento das variáveis renda externa e taxa de câmbio real. Na seqüência, analisa-se o comportamento dessas variáveis.

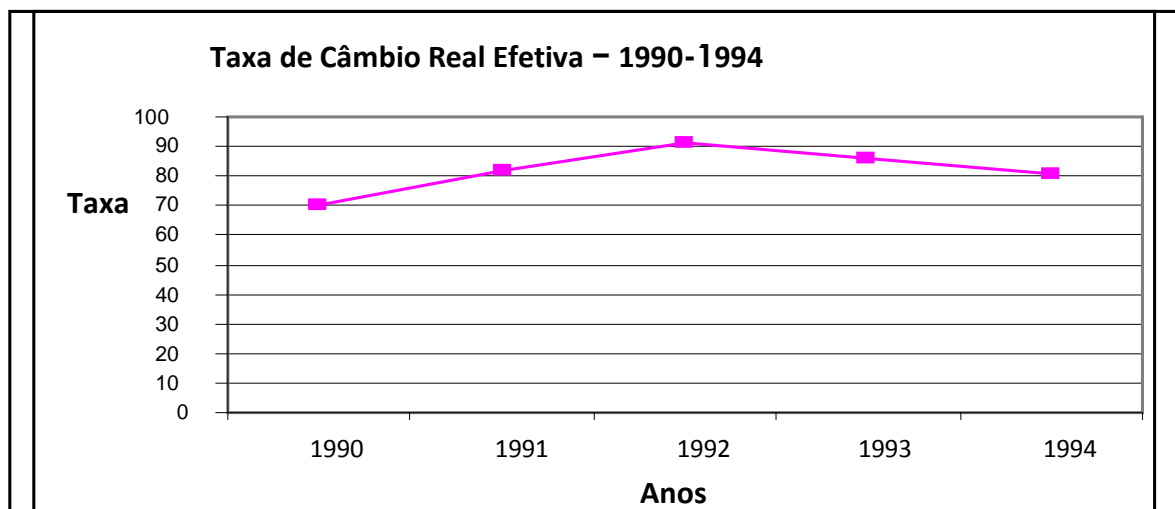
Para medir a taxa de câmbio real brasileira foi escolhida a taxa calculada pelo

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) – a taxa de câmbio real efetiva deflacionada pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), que utiliza o ano de 2000 como base. Como pode ser observado no GRÁFICO 1, apresentado abaixo, entre 1990 e 1992 há uma clara tendência à desvalorização da moeda doméstica, o que tende a elevar o potencial competitivo dos produtos nacionais no mercado internacional. Em alguma medida, a melhoria nas exportações brasileiras e paranaenses pode ser, de acordo com a teoria, creditada a essa evolução favorável da taxa de câmbio.

A partir de 1992, a tendência no câmbio é revertida. A manutenção de um diferencial de juros elevado, num contexto de queda da taxa de juros internacional e retomada dos fluxos de capitais para os países emergentes, contribuiu de forma fundamental para a verificação de significativos superávits na conta capital e financeira do balanço de pagamentos. Essa entrada de dólares, num regime de flutuação cambial, acabou se traduzindo em valorização da moeda doméstica a partir de 1992.

Ainda assim, em comparação com o ano de 1990, pode-se notar que para o período, como um todo, ocorreu uma desvalorização da moeda nacional, elemento que, de acordo com o referencial teórico utilizado, contribuiu, em alguma medida, para a expansão das exportações brasileiras e paranaenses.

GRÁFICO 1 – TAXA DE CÂMBIO REAL EFETIVA – 1990-1994



FONTE: IPEADATA.

A outra variável explicativa é o comportamento da renda externa. Para avaliar essa variável foi escolhida a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) calculada pelo Fundo Monetário Internacional. A TABELA 2 apresenta a evolução do PIB mundial para o período analisado. Pode-se concluir que esse período foi caracterizado por um desempenho relativamente bom na economia mundial. De toda forma, chama atenção o elevado crescimento em 1994, quando a economia mundial atingiu um crescimento da ordem de 3,8%.

A conclusão que pode ser retirada dessas informações é que o cenário internacional contribuiu, em alguma medida, para a expansão das exportações brasileiras e do Estado do Paraná. Isso é particularmente verdadeiro para o ano de 1994. Assim, seguindo o referencial teórico utilizado, a melhoria no cenário internacional pode ter compensado, do ponto de vista da demanda externa, a piora na competitividade externa brasileira que resultado do processo de valorização da moeda ocorrido a partir de 1992.

TABELA 2 – TAXA DE CRESCIMENTO DO PIB MUNDIAL – 1990-1994

Ano	Taxa de Crescimento do PIB Mundial
1990	2,9
1991	1,6
1992	2,4
1993	2,4
1994	3,8

FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL.

Entre 1995 e 1999, a economia brasileira e o cenário internacional modificaram-se profundamente. No cenário doméstico, chama atenção a condução da política econômica de estabilização de preços. O eixo central dessa política foi o regime de câmbio. Entre março de 1995 e janeiro de 1999, o Banco Central do Brasil conduziu um regime de administração da taxa de câmbio através da utilização de um regime de bandas cambiais. Na prática, assistiu-se à condução de uma política de valorização da moeda doméstica, com intuito de baratear as importações e ampliar a oferta de bens e serviços disponíveis, peça chave para o controle da inflação no período.

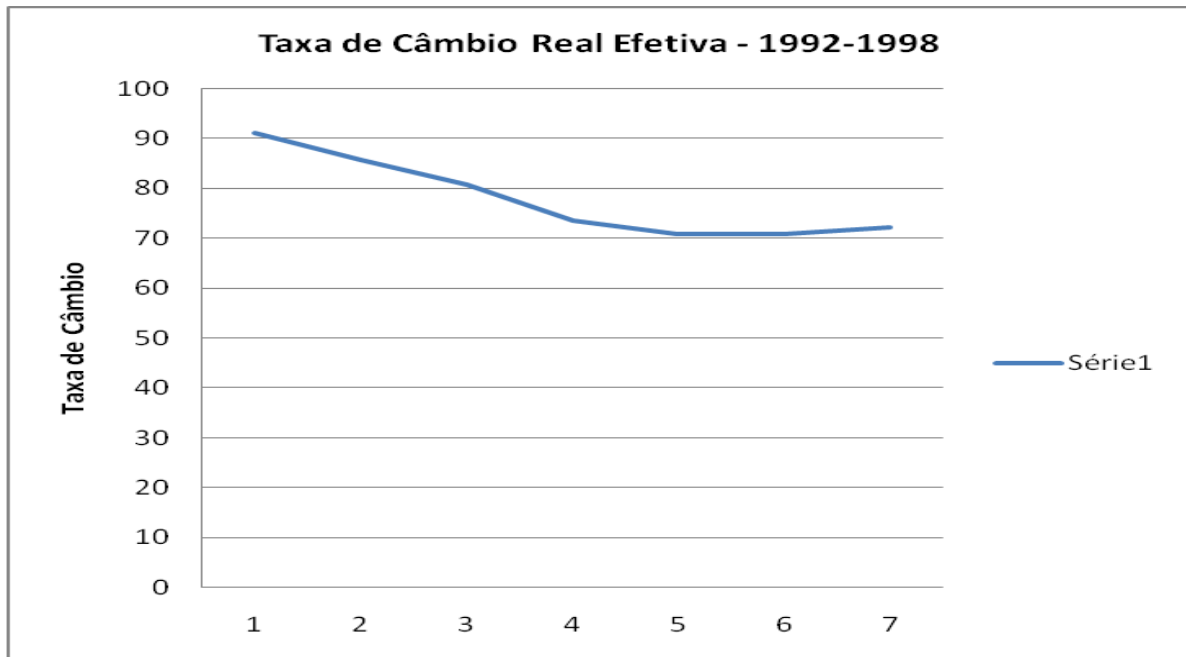
No cenário externo, o período foi marcado pelo aumento da instabilidade em

nível global, particularmente para os chamados países emergentes que haviam promovido, no início da década, a política de estabilização de preços e a elevação da abertura econômica, tanto da conta de capitais, quanto da conta corrente do balanço de pagamentos. A crise mexicana, em 1994, a crise asiática, em 1997, a crise russa, em 1998, e, finalmente, a crise brasileira de 1999 são os principais exemplos dessa deterioração do cenário externo para os emergentes.

Essas economias emergentes utilizaram o mesmo tipo de ajuste macroeconômico. Controle da taxa de câmbio com efetiva valorização da moeda doméstica, com objetivo de promover a estabilidade de preços. O barateamento das importações e o conseqüente aumento da oferta de bens e serviços constituíram-se nas peças centrais dessa política. No entanto, tal política deteriorou de forma substancial o saldo em transações correntes desses países. De acordo com CURADO (2001), em algumas economias do Sudeste da Ásia, por exemplo, chegaram a registrar um déficit em transações correntes de 8% do PIB. No caso brasileiro, esse déficit atingiu, em 1999, 4% do PIB. A dependência dessas economias do financiamento externo através da atração de capitais de curto e de longo prazo estava posta.

O GRÁFICO 2 apresenta a evolução da taxa de câmbio real entre 1992 e 1998. Conforme exposto anteriormente, os anos de 1993 e 1994 foram marcados pela valorização da moeda doméstica em função da entrada de capitais estrangeiros nos países emergentes. Após a implantação do Plano Real, além de um cenário externo inicialmente favorável, a política de administração da taxa de câmbio contribuiu, de forma decisiva, para promover a aceleração desse processo de valorização do real.

GRÁFICO 2 – TAXA DE CÂMBIO REAL EFETIVA – 1992-1998



FONTE: IPEADATA

Se por um lado, a política de combate à inflação, originada através da chamada “ancoragem cambial”, promoveu a queda da competitividade externa dos produtos brasileiros no cenário internacional e aumentou a competitividade dos produtos estrangeiros em nosso país, por outro lado, o cenário internacional, do ponto de vista do comportamento da demanda agregada externa, demonstrou-se francamente favorável. Esse é um período de aceleração do crescimento mundial, exceto para o ano de 1998, quando se notou uma redução do ritmo de expansão da economia mundial.

A TABELA 3 apresenta as informações sobre o comportamento da economia mundial no período de 1994 a 1998:

TABELA 3 – TAXA DE CRESCIMENTO DO PIB MUNDIAL A – 1994-1998

Ano	Taxa de Crescimento do PIB Mundial
1994	3,8
1995	3,7
1996	4,1
1997	4,2
1998	2,7

FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL. INTERNATIONAL FINANCIAL STATISTICS

O comportamento das exportações brasileiras e do Paraná no período analisado encontra-se exposto na TABELA 4, abaixo.

TABELA 4 – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES ENTRE 1995-1998: BRASIL E PARANÁ

	Exportações Brasil	Variação (%)	Exportações Paraná	Variação (%)	
1995	46.506.281	6,8	3.567.346	1,73	7,67
1996	47.746.726	2,67	4.245.907	19,02	8,89
1997	52.990.115	10,98	4.854.032	14,32	9,16
1998	51.139.862	-3,49	4.227.995	-12,9	8,27

FONTE: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR.

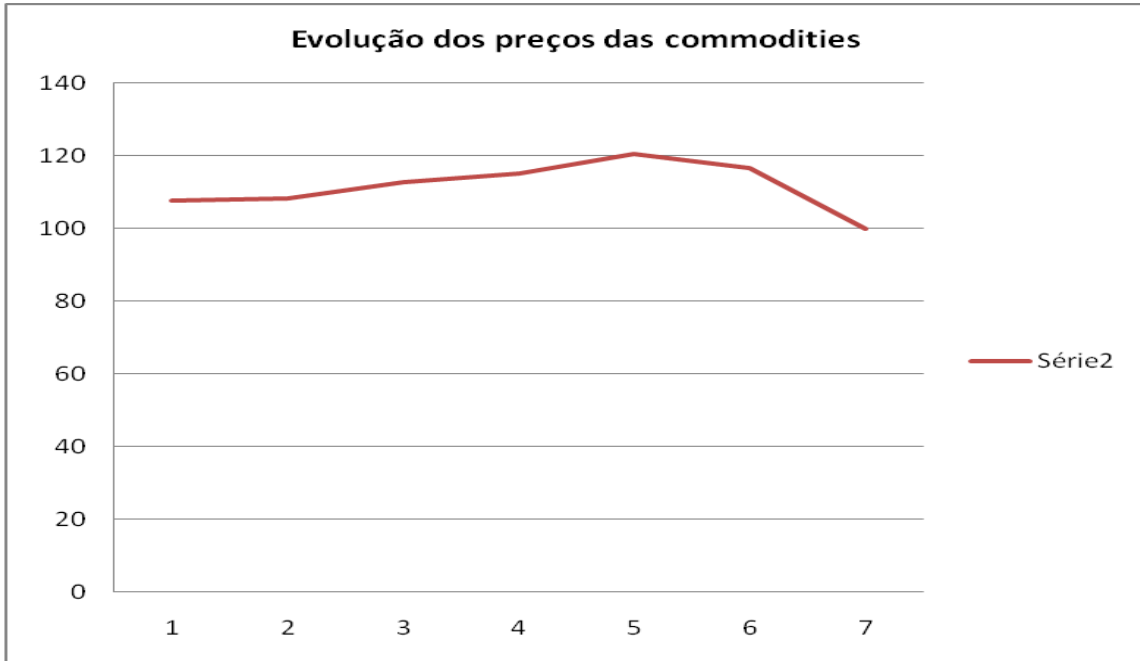
Como se pode observar, nos anos de 1996 e 1997, as exportações paranaenses registraram um crescimento bastante expressivo, sobretudo em comparação com os resultados obtidos pela economia brasileira como um todo. Isso sugere que o Paraná foi, durante esses anos, menos sensível à valorização da moeda doméstica. Utilizando o referencial teórico da macroeconomia, os dados sugerem que, em 1996 e 1997, o crescimento da economia mundial e, portanto, da demanda externa pelos produtos locais, superou o efeito negativo da valorização da moeda local. Por outro lado, a queda do ritmo de expansão da economia mundial, em 1998, parece ter afetado mais as exportações paranaenses do que a economia brasileira.

É sempre bom lembrar, do ponto de vista metodológico, que as variáveis selecionadas pela literatura de macroeconomia não têm a pretensão de explicar todos os movimentos das exportações de um país ou de uma região. O que essa literatura permite discutir é o peso relativo desses fatores. Nesse sentido, as evidências até o momento discutidas sugerem que as exportações paranaenses são menos sensíveis às variações na taxa de câmbio do que as exportações brasileiras.

É claro que, dadas as especificidades da economia paranaense, outros fatores devem desempenhar um papel relevante para a evolução das exportações do Estado. Por exemplo, no caso do Paraná, algumas *commodities*, tal como o complexo soja, têm um peso relevante na pauta de exportações. Assim, a evolução do preço desses produtos deve contribuir também para esta análise.

O GRÁFICO 3 apresenta a evolução do preço das *commodities* entre 1992 e 1998. Utiliza-se como medida um índice com base no ano de 2002.

GRÁFICO 3 – EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DAS *COMMODITIES*



FONTE: IPEADATA

Esse GRÁFICO 3 demonstra que a tendência de elevação dos preços das *commodities* no mercado internacional, verificada entre 1992 e 1996, muda de sentido a partir de 1997 e, particularmente, a partir de 1998. Em alguma medida, a queda no valor das exportações paranaenses, em 1998, pode ser creditada a essa redução dos preços que, vale a pena destacar, reflete a desaceleração do crescimento econômico mundial a partir desse ano.

A análise desse período revela, portanto, que as exportações paranaenses exibiram uma maior sensibilidade às flutuações no nível de atividade da economia mundial e da retração do preço das *commodities* no mercado externo. Por outro lado, as observações disponíveis sugerem que a taxa de câmbio jogou um papel menos expressivo no comportamento das exportações paranaenses, em relação ao verificado para a economia brasileira.

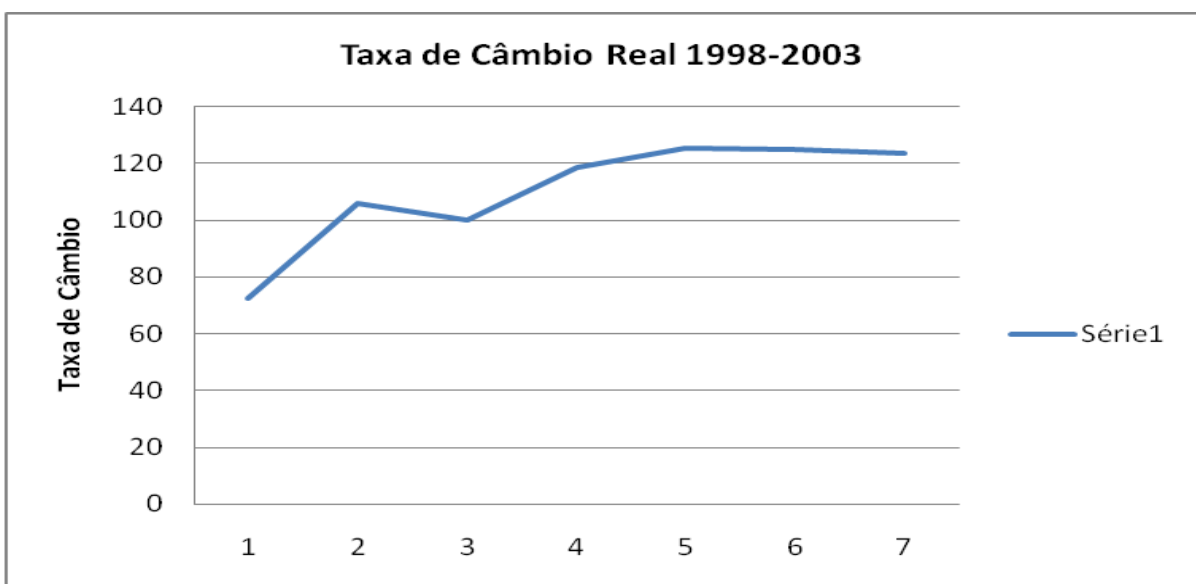
A partir de janeiro de 1999, o cenário doméstico, particularmente o modelo

macroeconômico, altera-se profundamente. O ataque especulativo promovido contra o Real, em janeiro desse ano, encerra o ciclo de combate à inflação através da valorização da moeda local e o barateamento das importações. No plano internacional, torna-se patente a mudança nas condições de liquidez internacional para a periferia emergente.

No lugar da administração do câmbio, o país passou a utilizar a flutuação cambial com intervenção (*dirty floating*). Num primeiro momento, assistiu-se a uma profunda desvalorização da moeda doméstica, o que elevou a preocupação do Governo em relação à manutenção da estabilidade de preços. Nesse sentido, o Governo brasileiro decidiu utilizar, a partir de julho de 1999, o regime de metas de inflação, no qual a política monetária – através da fixação da taxa de juros básica – passou a assumir a responsabilidade pela contenção do processo inflacionário.

O GRÁFICO 4, exibido a seguir, apresenta a evolução do índice da taxa de câmbio entre 1998 e 2003. Podem-se observar, claramente, os efeitos da crise cambial de 1999, em termos de desvalorização da moeda nacional. Em princípio, a mudança no regime de câmbio e a desvalorização do Real deveriam contribuir para ampliar a inserção externa dos produtos nacionais, tendo em vista o barateamento de nossas exportações em moeda estrangeira.

GRÁFICO 4 – TAXA DE CÂMBIO REAL – 1998-2003



FONTE: IPEADATA

Além da discussão sobre o comportamento da taxa de câmbio, favorável nesse período para a evolução das exportações do Brasil e do Paraná, deve-se analisar, tendo em vista o referencial teórico adotado, o comportamento da economia mundial. A TABELA 5 apresenta os dados sobre o comportamento dessa variável.

TABELA 5 – TAXA DE CRESCIMENTO DO PIB MUNDIAL – 1999-2003

Ano	Taxa de Crescimento do PIB Mundial – 1999-2003
1999	3,8
2000	4,7
2001	2,2
2002	2,8
2003	3,6

FONTE: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL. INTERNATIONAL FINANCIAL STATISTICS.

Os dados coletados nessa TABELA 5 evidenciam que o período contido entre 1999 e 2003 foi bom do ponto de vista do ritmo de expansão da economia mundial. Com exceção do ano de 2001, em que o ritmo de expansão da economia mundial foi de apenas 2,2%, em todos os outros anos assistiu-se a um crescimento relevante da economia mundial. Deve-se lembrar que o ataque às torres gêmeas ocorreu justamente em setembro de 2001 e piorou, de forma significativa, o ambiente econômico desse ano e do ano seguinte, sobretudo na economia norte-americana, principal economia do mundo. O ano de 2003 já apresenta um claro sinal de recuperação do ritmo de expansão da economia mundial, tornando evidente que a redução do crescimento entre 2001 e 2002 foi o resultado dos problemas decorrentes do ataque às torres gêmeas.

Seguindo o referencial teórico escolhido, a combinação de desvalorização da moeda e ambiente externo favorável (exceto em 2001) deveriam contribuir para uma expansão das exportações brasileiras e paranaenses. A TABELA 6 apresenta os dados disponíveis sobre o tema.

TABELA 6 – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES ENTRE 1999-2003: BRASIL E PARANÁ

	Exportações Brasil	Variação (%)	Exportações Paraná	Variação (%)	Paraná/ Brasil
1999	48.011.444	-6,12	3.932.564	-6,99	8,19
2000	55.085.595	14,73	4.392.091	11,69	7,97
2001	58.224.000	5,39	5.320.211	21,07	9,14
2002	60.361.000	3,54	5.703.081	7,2	9,45
2003	73.084.000	17,41	7.157.853	25,51	9,79

FONTE: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR

Um primeiro ponto interessante para se discutir é o comportamento das exportações brasileiras e paranaenses no ano de 1999. Vale lembrar que, em janeiro desse ano, o Real sofreu um ataque especulativo que culminou com o abandono do regime de bandas cambiais e uma profunda desvalorização da moeda nacional em termos nominais e reais. Do ponto de vista do cenário internacional, esse pode ser considerado um bom ano do ponto de vista da expansão da economia mundial.

Não obstante essas considerações, pode-se notar que tanto no plano nacional quanto no plano estadual observou-se uma significativa redução das exportações. Como explicar esse fato num contexto de expansão da economia e forte desvalorização da moeda?

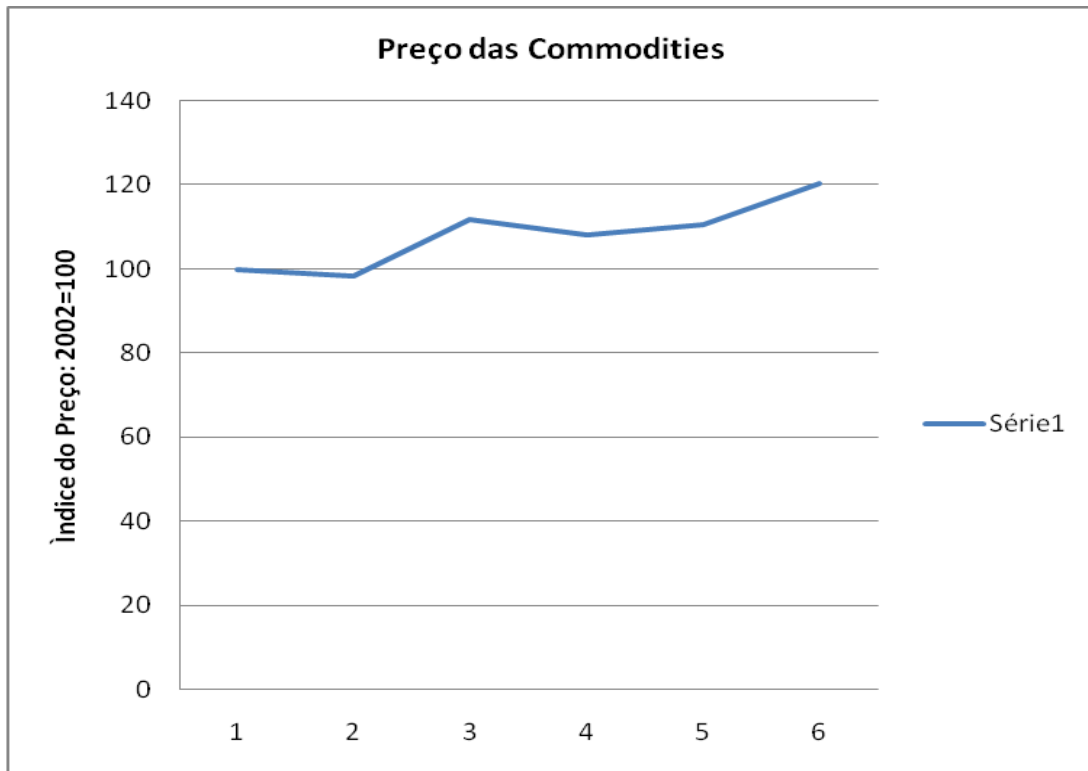
Duas explicações podem ser dadas. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que o ataque especulativo contra o Real ocorreu de forma abrupta, desarticulando o mercado de câmbio no país. Num primeiro momento, diversos contratos de câmbio deixaram de ser fechados em função da profunda instabilidade que se instalou no mercado de câmbio quando da ocorrência da crise cambial. Não há nada pior para o comércio exterior de um país do que uma profunda instabilidade em relação às taxas de câmbio praticadas no mercado.

Em segundo lugar, é importante resgatar a teoria da “curva em J”. No referencial teórico foi abordada essa discussão. Ora, num primeiro momento, em que o efeito-preço não tenha se manifestado integralmente, a desvalorização da moeda torna os produtos estrangeiros mais caros e os produtos nacionais relativamente mais baratos. No entanto, as quantidades adquiridas desses bens não se modificam automaticamente. Há um lapso temporal entre a alteração nas taxas de câmbio e seu efeito de substituição de bens nas pautas de importação e

exportação de um determinado país.

Passada a turbulência do ano de 1999, os anos subseqüentes tornam evidente que o ambiente externo favorável combinado com a alteração na taxa de câmbio contribuíram para uma forte expansão das exportações brasileiras e do Estado do Paraná. Chama atenção o crescimento mais acentuado das exportações do Paraná em relação ao ritmo de expansão nacional. O reflexo desse fenômeno foi a elevação da participação do Paraná nas exportações brasileiras. Essa participação que, em 1999, era de, aproximadamente, 8,2%, ficou muito próxima, em 2003, da casa dos 10% do total exportado pelo país.

Um elemento que pode ser destacado para explicar esse desempenho mais favorável das exportações paranaenses encontra-se no comportamento dos preços das *commodities* no mercado internacional. O GRÁFICO 5 apresenta a evolução do índice de preços das *commodities* (ano base 2002) para o período compreendido entre 1998 e 2003. Como se pode observar, esse foi um momento bastante positivo, do ponto de vista da dinâmica dos preços internacionais, para os exportadores de *commodities*. O Paraná, tendo em vista a sua pauta de exportações, beneficiou-se, em alguma medida, desse fenômeno global, sendo essa uma das razões para o excelente resultado das exportações do Estado.

GRÁFICO 5 – PREÇO DAS *COMMODITIES*

FONTES: IPEADATA

Finalmente, pode-se analisar a evolução das exportações do Paraná e do Brasil no período mais recente, que compreende de 2004 a 2008. Essa fase é marcada no plano doméstico, mas sobretudo no plano internacional, pela aceleração do crescimento econômico, fase interrompida apenas em setembro de 2008 em função da crise financeira que se instalou em todo o mundo.

O excepcional contexto internacional pode ser verificado a partir dos dados expostos na TABELA 7:

TABELA 7 – TAXA DE CRESCIMENTO DO PIB MUNDIAL – 2004-2008

Ano	Taxa de Crescimento do PIB Mundial – 2004-2008
2004	4,9
2005	4,5
2006	5,1
2007	5,2
2008	3,4

FONTES: FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL. INTERNATIONAL FINANCIAL STATISTICS.

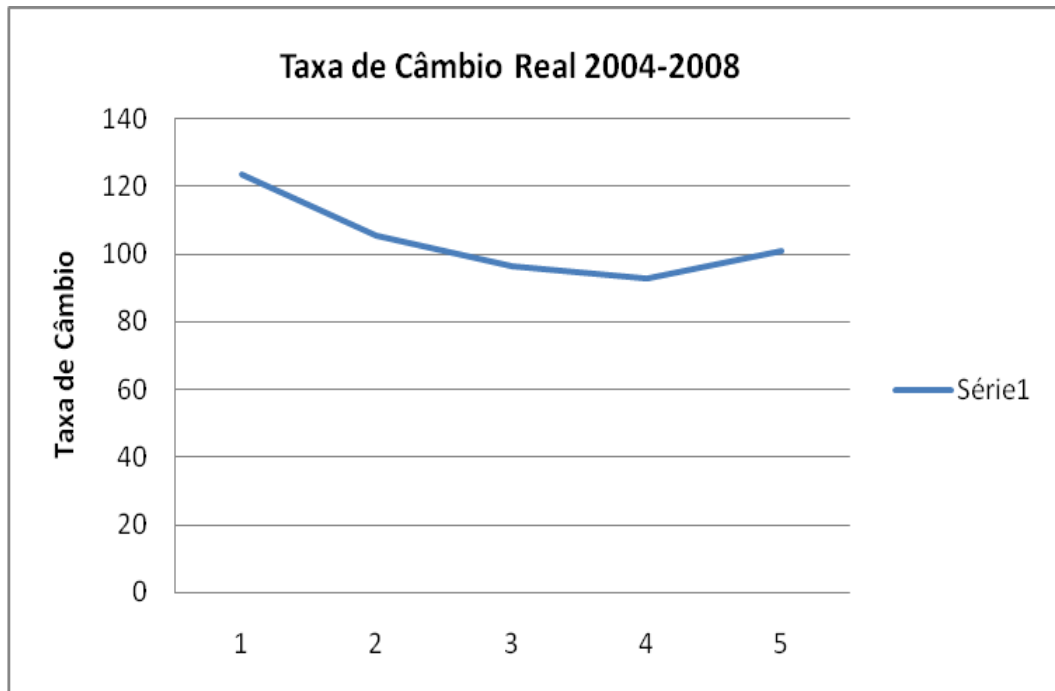
Os dados dessa TABELA 7 permitem verificar que, entre 2004 e 2007, a economia mundial atravessou uma fase de intenso crescimento econômico. O fim do ciclo de crescimento exuberante no plano internacional teve fim apenas em 2008. Para se ter uma idéia, as expectativas do Fundo Monetário Internacional para o ano de 2009 é de um retração do produto mundial entre 0,5% e 1%, o que demonstra os efeitos da atual crise para todas as nações.

Esse cenário de crescimento econômico ocorreu de modo heterogêneo entre as nações/regiões. Foi particularmente mais intenso nos chamados países emergentes, com destaque para os emergentes da Ásia. A China é o principal símbolo da aceleração do crescimento desse grupo de países.

Nesse cenário internacional francamente favorável seria de se esperar uma forte entrada de capitais estrangeiros (diretos e indiretos) nos países emergentes. E foi exatamente isso que ocorreu. O resultado desse processo, ainda que de modo não homogêneo, foi a valorização das moedas dos países emergentes em relação ao dólar norte-americano. Índia e China são exemplos de países emergentes que tentaram conter esse processo a partir de políticas de compra de dólares no mercado de câmbio e de reduções das taxas de juros domésticas.

No caso brasileiro, no entanto, a política conduzida pelo Banco Central no mercado de câmbio até 2007 e o elevado diferencial de juros praticado na economia brasileira contribuíram para uma significativa valorização do Real. Os dados apresentados no GRÁFICO 6 revelam esse comportamento.

GRÁFICO 6 – TAXA DE CÂMBIO REAL 2004-2008



FONTE: IPEADATA

Como pode ser observado, entre 2004 e 2007, assistiu-se a uma forte valorização da moeda doméstica, tendência revertida apenas em 2008, como resultado dos efeitos da crise financeira internacional sobre o mercado de câmbio mundial.

De todo modo, seguindo o referencial teórico escolhido, cabe ressaltar que as tendências do cenário internacional e da taxa de câmbio real jogaram em sentidos opostos. Por um lado, o cenário de aceleração do crescimento contribuiu para aumentar as exportações. Por outro, a valorização da moeda brasileira deveria contribuir, segundo a literatura, para reduzir o volume de bens exportados. Os dados apresentados na TABELA 8 sintetizam o comportamento das exportações para o Brasil e para o Paraná.

TABELA 8 – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES ENTRE 2004-2008: BRASIL E PARANÁ

	Exportações Brasil	Variação (%)	Exportações Paraná	Variação (%)	Paraná/Brasil
2004	96.476.000	24,25	9.405.026	31,39	9,75
2005	118.308.000	18,45	10.033.533	6,68	8,48
2006	137.735.000	14,10	10.016.338	-0,17	7,27
2007	160.648.000	14,26	12.352.857	23,33	7,69
2008	197.943.000	18,84	15.247.237	23,43	7,70

FONTE: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR

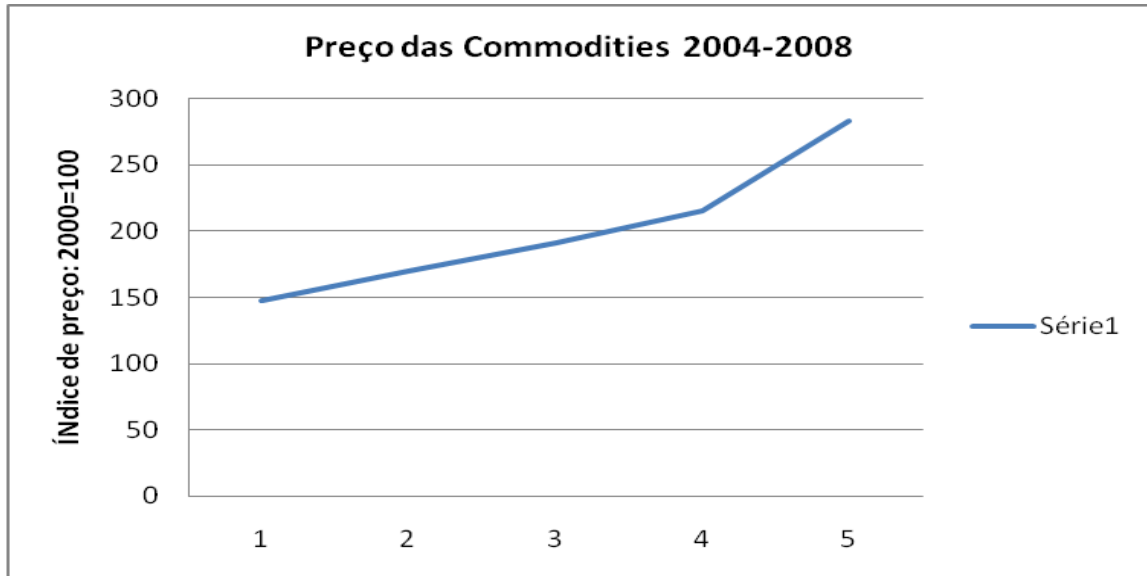
Chama atenção o resultado muito positivo da evolução das exportações brasileiras no período. Ao longo de todo o período analisado, a taxa de crescimento anual das exportações brasileiras situou-se acima dos 10% aa, resultado bastante significativo mesmo numa perspectiva histórica. Isso demonstra que do ponto de vista geral, para a economia brasileira, foi mais importante o crescimento da renda mundial do que a valorização cambial enquanto determinante da evolução das exportações brasileiras.

Ainda assim, autores com Bresser Pereira (2007) enfatizam a relevância da taxa de câmbio na contenção das exportações brasileiras. O autor destaca que o Brasil apenas usufruiu de forma passiva da onda de crescimento do comércio internacional sem, no entanto, ampliar sua participação nesse comércio. O dado relevante destacado por Bresser-Pereira (2007) é que a participação do Brasil no comércio internacional permaneceu inalterada nesse período, respondendo o país por, aproximadamente, 1% do comércio mundial. Situação bastante distinta da China, que na década de oitenta representava menos de 1% do comércio mundial tal como o Brasil e, hoje, é responsável por mais de 9% de todas as exportações mundiais.

Do ponto de vista regional, chama atenção o fato de o Paraná não exibir, ao longo do período, um comportamento igual ao verificado pela economia brasileira. O resultado desse processo foi a redução da participação das exportações do Paraná no total do Brasil de 9,75% para 7,7%, como se pode verificar na TABELA 8. Especialmente relevante foi a queda das exportações do Paraná, em 2006, período de forte crescimento da demanda mundial e das exportações brasileiras. Enquanto as exportações brasileiras, nesse ano, cresceram 14,1% em relação ao ano anterior, o Paraná registrou queda das exportações de 0,17%.

É interessante notar que, nesse período, os preços das *commodities* apresentaram um forte comportamento de alta, em função do aumento da demanda mundial, sobretudo da China. O GRÁFICO 7 apresenta a evolução do índice de preços das *commodities*, de acordo com o IPEADATA.

GRÁFICO 7 – PREÇO DAS *COMMODITIES* 2004-2008



FONTE: IPEADATA

4 UMA ANÁLISE DA PAUTA DE EXPORTAÇÕES

4.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, será analisada a composição da pauta de exportações do Estado do Paraná. O objetivo deste capítulo é promover uma discussão mais qualitativa sobre o tema das exportações do Estado.

Em particular, o tema da composição da pauta exportadora merece um destaque especial tendo em vista a importância dada pela literatura econômica, sobretudo pela vertente keynesiana, ao tema. Como discutido no capítulo teórico, as possibilidades de crescimento da economia encontram-se, de acordo com essa literatura, vinculadas à composição e ao grau de diversificação da pauta de exportações do país/região.

No capítulo teórico, foi destacada a importância da pauta exportadora, tanto do ponto de vista cepalino quanto da perspectiva keynesiana da literatura de crescimento com equilíbrio no Balanço de Pagamento, no desenvolvimento econômico das nações. Essa é a justificativa teórica para a análise que se faz na seqüência deste capítulo da dissertação.

Na análise desta seção, optou-se por uma periodização mais ampla, tendo em vista o caráter qualitativo do tema. Num primeiro momento, analisa-se o comportamento da pauta de exportações do Paraná entre os anos de 1991 e 1997. Num segundo momento, é analisado o comportamento da pauta entre 1998 e 2008.

4.2 ANÁLISE DA PAUTA DE EXPORTAÇÕES DO PARANÁ

As informações básicas para a análise da evolução da pauta de exportações do Paraná para o período compreendido entre 1991 e 1997 encontram-se sintetizados na TABELA 9. Os dados básicos dessa tabela foram obtidos do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, mais especificamente da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX).

Os dados agrupam duas categorias básicas de exportações: produtos básicos e produtos industrializados, além das chamadas operações especiais. O grupo de produtos industrializados é subdividido em dois outros blocos: semimanufaturados e manufaturados.

A principal característica do período analisado refere-se à estabilidade na participação dos produtos básicos e industrializados na pauta exportadora paranaense. Em 1991, a participação dos produtos básicos no total exportado era de 51,98%, praticamente a mesma participação verificada para o ano de 1997 (52%). A participação do grupo de produtos industrializados permaneceu igualmente estável. Em 1991, esse grupo era responsável 47,29% das exportações do Estado, valor muito próximo aos 47,21% atingidos em 1997. Outro elemento interessante é que no grupo dos produtos industrializados ocorreu crescimento no subgrupo de semimanufaturados entre 1991 e 1997 e queda da participação dos produtos manufaturados.

A análise desses dados permite concluir que no Estado do Paraná permanece praticamente inalterada a composição de sua pauta exportadora no critério utilizado pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior durante o período analisado.

Do ponto de vista da análise teórica “cepalina” e da literatura de crescimento com restrição de divisas, a manutenção de uma elevada participação do grupo produtos básicos no total exportado é preocupante, sobretudo quando se leva em consideração que esse foi um período de intensa transformação da estrutura produtivo em nível global, com significativos avanços tecnológicos e surgimento de inúmeros produtos no mercado internacional.

A inserção internacional do Estado do Paraná estava bem definida nesse momento: o Estado era preponderantemente um exportador de produtos básicos e produtos industrializados semimanufaturados, elemento preocupante para a trajetória de desenvolvimento do Estado, tal como assinalado pela literatura.

TABELA 9 – COMPOSIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES PARANAENSES – 1991-1997

	Básicos	%	Industrializados	%	Semimanufaturados	%	Manufaturados	%	Especiais	%	Total
1991	939.381	51,98	854.625	47,29	178.801	9,89	675.824	37,40	13.223	0,73	1.807.229
1992	1.071.499	50,78	1.025.581	48,60	206.641	9,79	818.940	38,81	12.959	0,61	2.110.039
1993	1.193.061	48,09	1.272.534	51,29	192.236	7,75	1.080.298	43,54	15.548	0,63	2.481.143
1994	1.460.149	41,64	2.024.951	57,74	487.515	13,90	1.537.436	43,84	21.649	0,62	3.506.749
1995	1.439.671	40,36	2.109.164	59,12	647.327	18,15	1.461.837	40,98	18.511	0,52	3.567.346
1996	2.081.289	49,02	2.139.640	50,39	576.668	13,58	1.562.972	36,81	24.973	0,59	4.245.902
1997	2.524.244	52,00	2.301.061	47,41	560.261	11,54	1.740.800	35,86	28.727	0,59	4.854.032

FONTE: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR (SECEX).

TABELA 10 – COMPOSIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES PARANAENSES – 1998-2007

	Básicos	%	Industrializados (A) + (B)	%	Semimanufaturados (A)	%	Manufaturados (B)	%	Especiais	%	Total
1998	1.918.814	45,38	2.279.237	53,91	665.062	15,73	1.614.175	38,18	29.944	0,71	4.227.995
1999	1.735.682	44,14	2.155.023	54,80	626.797	15,94	1.528.226	38,86	41.954	1,07	3.932.659
2000	1.661.374	37,81	2.657.254	60,47	498.631	11,35	2.158.622	49,12	75.534	1,72	4.394.162
2001	2.280.991	42,87	2.977.973	55,97	561.285	10,55	2.416.688	45,42	61.247	1,15	5.320.211
2002	2.384.075	41,80	3.245.638	56,91	668.797	11,73	2.576.841	45,18	73.368	1,29	5.703.081
2003	2.985.014	41,70	4.095.290	57,21	877.848	12,26	3.217.442	44,95	77.549	1,08	7.157.853
2004	3.908.974	41,56	5.406.189	57,48	969.099	10,30	4.437.090	47,18	89.862	0,96	9.405.026
2005	3.297.780	32,87	6.601.703	65,80	993.498	9,90	5.608.205	55,89	134.049	1,34	10.033.533
2006	2.931.247	29,26	6.902.913	68,92	1.146.938	11,45	5.755.975	57,47	182.177	1,82	10.016.338
2007	4.233.777	34,27	7.949.755	64,36	1.318.847	10,68	6.630.908	53,68	169.325	1,37	12.352.857

FONTE: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR (SECEX)

A TABELA 10, apresentada acima, mostra os dados relativos à evolução da pauta exportadora paranaense para o período compreendido entre 1998 e 2007. Ao contrário do verificado no período anterior, na TABELA 9, nessa fase ocorreram importantes transformações da pauta exportadora paranaense. Chama atenção o significativo crescimento da participação das exportações de produtos industrializados. Em 1997, a participação desse grupo chegava a 47,41% do total exportado. Em 2007, uma década depois, esse grupo já era o mais importante, alcançando 64,36% do total exportado pelo Estado. Ao mesmo tempo, assistiu-se a uma importante redução na exportação de produtos básicos de 52% da pauta exportadora em 1997 para 34,27% em 2007.

Outro dado relevante da observação dos dados selecionados é que no grupo de produtos industrializados verificou-se um crescimento acentuado das exportações de manufaturas, com forte redução da participação dos chamados produtos semimanufaturados.

Tem-se, portanto, como principal conclusão desta discussão que o Paraná passou, a partir de 1997, por importantes transformações em sua pauta exportadora, com elevação da participação da exportação de produtos industrializados, o que, de acordo com a literatura a “velha CEPAL”, constitui-se num elemento importante para uma inserção internacional promotora do desenvolvimento econômico.

As informações discutidas até o momento tornam evidente a importância dos investimentos realizados pela indústria automobilística, em meados dos anos 90, no Estado do Paraná. Foi justamente o crescimento das exportações do complexo automotivo que permitiram ao Estado a alteração da pauta exportadora discutida nesta seção do trabalho. A observação mais desagregada dos dados, feita na próxima seção, permite analisar esse ponto de uma forma mais clara.

4.3 EXPORTAÇÕES PARANAENSES POR EMPRESAS

Esta seção apresenta a discussão das exportações paranaenses da perspectiva das empresas. São analisadas as quarenta maiores empresas

exportadoras do Estado. Os dados refletem o total exportado por essas empresas de janeiro a março de 2009.

Uma primeira observação importante que se pode obter da análise dos dados da TABELA 11 é que as quarenta principais empresas exportadoras do Estado respondem por uma parcela bastante significativa das exportações. No período analisado, as quarenta principais empresas exportadoras responderam por, aproximadamente, 70,43% do total exportado pelo Estado. O dado consolidado para o ano de 2008, disponível no Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio, afirma que no ano de 2008 essas empresas foram responsáveis por, aproximadamente, 67% do total exportado pelo Estado. Outro dado interessante é que as dez maiores empresas exportadoras do Estado respondem, isoladamente, por 41,4% do total das exportações do Estado, demonstrando a elevada concentração por empresas das exportações paranaenses.

TABELA 11 – PARTICIPAÇÃO DAS QUARENTA MAIORES EMPRESAS EXPORTADORAS NO TOTAL DAS EXPORTAÇÕES PARANAENSES – JANEIRO A MARÇO DE 2009

TOTAL DA ÁREA – janeiro-março de 2009	2.198.908.215	100,00
TOTAL DAS PRINCIPAIS EMPRESAS	1.548.767.804	70,43
SADIA S.A.	151.347.257	6,88
COOPERATIVA AGROPECUÁRIA	133.440.996	6,07
VOLKSWAGEN DO BRASIL LTDA	117.697.490	5,35
BÜNGE ALIMENTOS S/A	96.880.169	4,41
CARGILL AGRÍCOLA S/A.....	92.563.323	4,21
IMCOPA - IMPORTAÇÃO, EXPORTAÇÃO E	83.965.590	3,82
RENAULT DO BRASIL S.A.....	77.413.588	3,52
KLABIN S.A.	59.027.711	2,68
PERDIGÃO AGROINDUSTRIAL S/A	50.961.123	2,32
USINA DE AÇÚCAR SANTA TEREZINHA	50.634.308	2,30
VOLVO DO BRASIL VEÍCULOS LTDA	49.138.949	2,23
C. VALE - COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL...	48.439.128	2,20
LOUIS DREYFUS COMMODITIES BRASIL S.A. .	48.299.149	2,20
ROBERT BOSCH LIMITADA	48.035.235	2,18
PETRÓLEO BRASILEIRO S/A PETROBRAS	47.967.917	2,18
CNH LATIN AMÉRICA LTDA	35.387.156	1,61
COMPANHIA CACIQUE DE CAFÉ SOLÚVEL	23.883.764	1,09
CIA. IGUACU DE CAFÉ SOLÚVEL.....	21.932.548	1,00
COPACOL - COOPERATIVA	18.931.489	0,86
AGRÍCOLA JANDELLE LTDA.....	18.920.986	0,86
ADM DO BRASIL LTDA	18.632.916	0,85
COMPANHIA PROVIDÊNCIA INDÚSTRIA E	18.576.283	0,84
DFV - TELECOMUNICAÇÕES E	17.583.584	0,80
AKER SOLUTIONS DO BRASIL LTDA	16.669.954	0,76
I RIEDI CIA. LTDA	16.230.374	0,74
USINA ALTO ALEGRE S/A - AÇÚCAR E	15.972.707	0,73
SEARA ALIMENTOS S/A.....	15.127.355	0,69
COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL LAR	14.474.380	0,66
USACIGA - AÇÚCAR, ÁLCOOL E ENERGIA.....	14.454.374	0,66
CHS DO BRASIL - COMÉRCIO E	13.744.145	0,63
INDÚSTRIA DE COMPENSADOS SUDATI	13.706.236	0,62
PERÓXIDOS DO BRASIL LTDA	13.327.386	0,61
DIPLOMATA INDUSTRIAL E COMERCIAL	12.285.825	0,56
BÜNGE FERTILIZANTES S/A.....	11.406.783	0,52
COOPAVEL COOPERATIVA	11.328.182	0,52
AMAGGI EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO	11.183.492	0,51
ELECTROLUX DO BRASIL S/A.....	10.368.102	0,47
BRASLUMBER INDÚSTRIA DE MOLDURAS	9.900.421	0,45
DAGRANJA AGROINDUSTRIAL LTDA	9.509.462	0,43
BRASPINE MADEIRAS LTDA.....	9.417.967	0,43
DEMAIS EMPRESAS	650.140.411	29,57

FONTE: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR.

A análise dessa TABELA 11 permite ainda algumas conclusões adicionais. Chama atenção, por exemplo, que tomadas isoladamente a Sadia S/A e a COOPERATIVA AGROPECUÁRIA MOURAOENSE LTDA responderam por mais de 12% das exportações do Estado no período analisado.

Outro aspecto importante, ao fazer-se uma análise das maiores empresas exportadoras, é a sua concentração por ramos de atividades econômicas. Há claramente uma forte concentração nos ramos de alimentos e ou *commodities* básicas, por exemplo: SADIA, COOPERATIVA AGROPECUÁRIA MOURÃOENSE LTDA, BÜNGE ALIMENTOS S/A, PERDIGÃO AGROINDUSTRIAL S/A e USINA DE AÇÚCAR SANTA TEREZINHA LTDA e na indústria automobilística, por exemplo: VOLKSWAGEN DO BRASIL LTDA, RENAULT DO BRASIL S/A e VOLVO DO BRASIL VEÍCULOS LTDA.

Trata-se da evidência já anteriormente discutida, e importante do ponto de vista desta dissertação, de forte concentração das exportações paranaenses nas exportações de *commodities* básicas, alimentos e na indústria automobilística. A novidade desta análise é a demonstração de que além de concentradas do ponto de vista setorial ou de ramo de atividade, as exportações do Paraná também são concentradas da perspectiva microeconômica no nível das firmas.

Outro aspecto importante que pode ser capturado dos dados disponíveis é que a mudança na pauta exportadora paranaense, verificada ao longo da última década e discutida na seção anterior do trabalho, encontra-se diretamente vinculada aos investimentos realizados pela indústria automobilística no Estado do Paraná ao longo dos últimos dez anos.

5 CONCLUSÕES

O principal resultado deste trabalho é que a evolução das exportações paranaenses reflete, em alguma medida, o comportamento da taxa de câmbio real e das condições externas, representadas pela evolução do produto mundial.

A análise mais detalhadas dessas variáveis, selecionadas pela literatura básica de macroeconomia, no entanto, permite verificar que, no caso do Estado do Paraná, a evolução da renda externa parece ter jogado um papel mais importante do que a taxa de câmbio real enquanto fator explicativo da evolução recente das exportações do Estado.

De uma forma geral, também foi notado que a evolução das exportações do Paraná segue, em alguma medida, um comportamento similar ao verificado pelas exportações brasileiras. Isso aponta no sentido de reforçar o papel das variáveis macroeconômicas para o estudo das exportações estaduais. No entanto, é fundamental ressaltar que existem fatores específicos que devem ser levados em consideração num trabalho mais profundo sobre o tema e que, em função da opção metodológica e do referencial teórico utilizados na dissertação, encontram-se além das possibilidades de análise desta dissertação.

No que se refere ao tema da pauta de exportações do Paraná, pode-se notar um importante processo de diversificação da pauta a partir de 1997, com destaque para o aumento da participação dos produtos industriais manufaturados e redução da exportação de produtos básicos e produtos industriais semimanufaturados. Essas tendências podem ser consideradas positivas do ponto de vista do referencial teórico da “velha CEPAL” e da literatura de crescimento com equilíbrio do balanço de pagamentos, já que apontam no sentido de ampliar o valor agregado das exportações do Estado do Paraná.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRESSER-PEREIRA, L. C. **Macroeconomia da Estagnação**: crítica da ortodoxia convencional no Brasil pós-1994. São Paulo: Editora 34, 2007.
- CARVALHO, M. A. de.; SILVA, C. R. L. da. **Economia internacional**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- CIN, Centro Internacional de Negócios do Paraná. **Balança comercial**: exportações e importações. 2005. Disponível em: <http://www.cinpr.org.br>. Acesso em: 14 mar. 2007.
- CURADO, M. L. **Rigidez comercial, movimentos de capital e crises cambiais**. 2001. Tese (Doutorado em Ciência Econômica) – Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2001.
- DORNBUSCH, R.; FISCHER, S. **Macroeconomia**. 5. ed. São Paulo: Makron Books, 1991.
- GASTALDI, J. P. **Elementos da economia política**. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- FIEP, Federação das Indústrias do Estado do Paraná. **A evolução e as transformações no perfil industrial do Paraná**. Congresso Paranaense da Indústria 2006. Disponível em: <http://www.fiepr.org.br/congresso/uploadAdress/4.7>. Acesso em: 13 mar. 2007.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- HUGON, P. **História das doutrinas econômicas**. 14. ed. São Paulo: Atlas, 1980.
- IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br>. Acesso em: 16 mar. 2007.
- IPEA. Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas. Disponível em <http://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 5 abr. 2008.
- MAIA, J. de M. **Economia internacional e comércio exterior**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- MAIA, Cristina. **Teoria do comércio internacional**. 1998. Disponível em: <http://www.esaf.fazenda.gov.br/parcerias/ue/cedoc-ue/monografias-1998/modulo-A/teoria-do-comercio-internacional.pdf>. Acesso em: 03 de maio de 2007.
- MCCOMBIE, J. S. L.; THIRLWALL, A. P. *Economic Growth and Balance of Payments Constraint*. St Martin's Press, New York, 1994.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br>. Acesso em: 13 abr. 2008.

MORENO-BRID. On Capital Inflows and the Balance-of-Payments Constrained Growth Model. **Journal of Post Keynesian Economics**, Winter, v. 21, n. 2, p. 283-298, 1998-1999.

PREBISCH, R. **The Economic Development of Latin America and its Principal Problems.** **Economic Commission for Latin America.** *United Nations* (Document E/CN.12.89), 1949.

RATTI, B. **Comércio internacional e câmbio.** 10. ed. São Paulo: Aduaneiras, 2001.

SEIM, **Secretaria da Indústria, do Comércio e Assuntos do Mercosul.** Disponível em: www.pr.gov.br/seim. Acesso em: 30 set. 2007.

SMITH, A. **A riqueza das nações** (1776). São Paulo: Martins Fontes, 2003. 2 vols.

THIRLWALL, A. P.; HUSSAIN, M. N. The Balance of Payments Constraint, Capital Flows and Growth Rates Differences Between Developing Countries. **Oxford Economic Papers**, n. 34, p. 498-509, 1982.